

EDITORIAL

É com imenso prazer que organizamos este Dossiê Especial, com artigos resultantes de trabalhos apresentados no **20º Seminário de Pesquisas em Linguística Aplicada** (SePLA), nos dias 14 e 15 de junho de 2024, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada – Mestrado da Universidade de Taubaté. A edição do evento ocorreu de maneira híbrida com a temática “Linguística Aplicada, estudos decoloniais e linguagem queer: mo(vi)mentos discursivos contemporâneos”

O 20º SePLA contou com palestras, minicursos, mesa-redonda, comunicações orais e roda de conversa. As atividades remotas foram transmitidas pela TV UNITAU. Já as atividades presenciais aconteceram nas salas do Departamento de Comunicação e Negócios (CEN),

Realizado anualmente, o Seminário propôs momentos de discussão sobre as tendências contemporâneas dos estudos linguísticos. Trata-se de uma oportunidade especial para que pesquisadores, mestrandos e doutorandos da UNITAU e de outras instituições divulguem pesquisas e aprofundem conhecimentos.

A temática do 20º SePLA – *Linguística Aplicada, estudos decoloniais e linguagem queer – mo(vi)mentos discursivos contemporâneos*, procurou abrir espaços para reflexões profícuas acerca de situações discursivas que, algumas vezes sub-repticiamente, outras vezes explicitamente, mascaram fatos que ainda persistem em pleno século XXI: marcas de colonialidade, racismo, misoginia, homofobia, transfobia, LGBTfobia.

Na abertura da edição deste ano, contamos com a mesa-redonda intitulada “*O que os estudos queer e decoloniais têm a nos dizer no campo da Linguística Aplicada contemporânea*” conduzida pelos professores pesquisadores Ametista de Pinho Nogueira Silva e Lucineudo Machado Irineu, ambos da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Os palestrantes (re)visitam a caracterização da Linguística Aplicada como ciência da linguagem para, na sequência, debater os conceitos de estudos decoloniais e estudos queer, situando-os no campo da pesquisa praticada atualmente no Brasil. Dessa forma, procuram evidenciar a produtividade destes dois conceitos para as ações de pesquisa, ensino e extensão de cursos de graduação e pós-graduação do Brasil, partindo de reflexões advindas da LA.

Em seguida, o professor pesquisador Ismar Inácio dos Santos Filho, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL-Campus do Sertão) ministrou a palestra intitulada “*Em Linguística Aplicada (para “cortar”), uma geografia discursiva (em atitudes cu-ir/queer)*” com o objetivo de questionar a produção enunciativo-discursiva de espaços-sujeitos. Na discussão, o palestrante interroga uma cena enunciativa imobiliária no sertão alagoano em que, para a venda de terrenos em um condomínio, é realizada a venda da felicidade, que se materializa na imagem de um casal cis-heterossexual, jovem e branco. A partir dessa cena, problematiza a relação enunciado-ideologia-espaços-sujeitos e questiona: é este o modelo de família brasileira? Família Sertaneja? Finaliza sua palestra com o seguinte questionamento: Quais as contribuições (possíveis e necessárias) dessas pesquisas em Linguística Aplicada para des-aprendizagens, cortes e (re)imaginações de outros sertões-sujeitos?

Logo após, aconteceram três minicursos. O primeiro, “Linguagens da “vida-que-se-vive”: insumos pedagógicos decoloniais”, ministrado pelo professor Francisco Estefogo (UNITAU), objetivou desconstruir padrões de pensamentos coloniais, intolerantes e discriminatórios que permeiam a sociedade, especialmente no contexto educacional, bem como fomentar a variedade linguística e cultural, além da criação e da ampliação de novos conhecimentos e formas de ser, pensar, viver e desejar, fundamentados na multidiversidade da teia social.

O segundo minicurso, intitulado “Decolonialidade, linguagem e afetividade: inventando novos modos de viver e de educar”, conduzido pelo professor Rodolfo Meissner Rolando (UNITAU), propôs uma reflexão sobre o papel central da afetividade nas relações em contextos escolares diversos. Mais especificamente, o minicurso debateu sobre o potencial transformador da escola para criar possibilidades crítico-criativas de engendrar encontros alegres, capazes de aumentar as possibilidades de sentir, pensar e agir de estudantes e de professores, levando-os à aprendizagem, ao desenvolvimento e a novos modos de ser no mundo.

Já o terceiro minicurso, “Práticas de ensino de leitura literária: um pouco de Lygia Fagundes Telles”, ministrado pela professora Gisele Maria Souza Barachati (UNITAU), objetivou analisar propostas de atividades para o conto “A caçada”, tendo como embasamento a teoria do Sistema Literário.

No dia seguinte, 15 de junho, aconteceram as comunicações orais. Vários mestrandos e doutorandos apresentaram suas pesquisas, revelando um forte engajamento com o tema proposto, conforme poderemos observar nos artigos que compõem esta edição.

O professor pesquisador Ismar Inácio dos SANTOS FILHO, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL-Campus do Sertão), além de nos brindar com sua palestra, apresenta-nos o artigo *Em linguística aplicada (para “cortar”), uma geografia discursiva (em atitudes cu-ir/queer): no sertão, um loteamento para a família jovem, branca e cis-hétero?*, cujo objetivo é questionar a produção enunciativo-discursiva de espaços-sujeitos, também sob uma postura afetada por, e inspirada em, teorizações cu-ir/queer, em Linguística Queer, tomadas como pesquisas de revide. Dessa forma, o autor visa dessacralizar e transgredir – cu-irizar – os estudos em linguagem e a vida social a partir de uma cena enunciativo-discursiva imobiliária publicizada no sertão alagoano (como procedimento metodológico), em que para a venda de terrenos em um loteamento imobiliário é realizada a venda da felicidade, a partir da imagem de um casal cisheterossexual, jovem e branco.

No artigo seguinte, a professora Gisele Maria Souza BARACHATI, da Universidade de Taubaté, apresenta-nos o artigo com o mesmo título do minicurso que ministrou: *Práticas de leitura literária na escola: um pouco de Lygia Fagundes Telles*. Com enfoque voltado para a leitura literária, a autora se propõe a investigar, de forma mais aprofundada, vida e obra de Lygia Fagundes Telles, bem como o estilo e a temática predominante, de modo a ampliar as possibilidades de compreensão de seus textos, tendo em vista a noção de Sistema Literário proposta por Antonio Candido. Conclui que o papel humanizador da Literatura, bem como a sua presença na vida das pessoas como um direito, perpassa pelas práticas de ensino na escola e pela abordagem do texto literário como parte de um Sistema, o que requer uma ampliação do conhecimento teórico do professor.

No ensaio *Linguagens da “vida-que-se-vive”*: insumos pedagógicos decoloniais, também resultante do minicurso com o mesmo título, Francisco ESTEFOGO, da Universidade de Taubaté, explora a intersecção entre as linguagens multiculturais da sociedade contemporânea e as práticas pedagógicas, com destaque para a necessidade de se fomentar abordagens educativas que valorizem a diversidade epistêmica. A partir da noção da “vida-que-se-vive”, que enfatiza as experiências cotidianas como fontes legítimas e potenciais de conhecimentos, o autor critica a perpetuação de processos educacionais colonialistas, normalmente marginalizadores de saberes de grupos vulneráveis, tais como os negros, a comunidade LGBTQIAP+, os imigrantes, o trabalhadores informais, dentre outros estratos sociais estigmatizados. O autor considera que a incorporação das linguagens da “vida-que-se-vive” nas práticas pedagógicas decoloniais pode favorecer a expansão epistêmica, a justiça social e a criação de sistemas educacionais mais inclusivos, multidiversos e democráticos. Ao longo do texto, são discutidas as implicações dessas perspectivas decoloniais para a formação de sujeitos comprometidos com a transformação social e a equidade.

O quarto artigo, intitulado *Criação de um sinalário em libras de termos técnicos de mecânica e automação: um estudo no IFSP*, Laísa Conde Rocha MOREIRA, Adriana Cintra de CARVALHO PINTO e Gisele Maria Souza BARACHATI, da Universidade de Taubaté, partem da seguinte problemática: os Tradutores Intérpretes de Libras (TILS) que atuam no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) se deparam com uma carência de sinais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para termos específicos dos cursos técnicos de Mecânica e Automação, o que prejudica a atividade do intérprete e a aprendizagem do aluno surdo. Por esse motivo, as autoras objetivam criar um sinalário para os termos técnicos dos cursos de Mecânica e Automação partindo da hipótese de que o sinalário pode ser um

instrumento do intérprete e do aluno surdo se apropriado pelos sujeitos a partir de objetivos particulares.

No quinto artigo, *Ferramentas digitais como prática multimodal no processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa*, os autores Yan Tavares BERTONE, da Universidade de Taubaté, Ciel Allen Limongi da ENCARNAÇÃO, da Yázigi School e Naiara Sampaio CINTRA, da Yázigi School têm, como objetivo, refletir sobre a descentralização do processo de ensino e aprendizagem e compreender o papel do educando no centro do ambiente escolar. A pesquisa foi motivada pela necessidade de trabalhar o conteúdo de maneira mais lúdica e permitir a enunciação por parte dos alunos. Este trabalho se justifica pela demanda da inserção de aparatos digitais tecnológicos na esfera educativa, uma vez que essas ferramentas se tornam meios de possibilitação de enunciados multimodais.

Em seguida, no artigo *A representatividade de pessoas com deficiência física em publicidade de saúde e bem-estar*, Camila Rodrigues de OLIVEIRA, Miriam Bauab PUZZO e Emari Andrade de JESUS, da Universidade de Taubaté, investigam, a partir da proposta dialógica de Bakhtin e o Círculo, dentre outros autores da esfera da comunicação e publicidade, se há representatividade de pessoas com deficiência nos veículos publicitários de saúde e bem-estar. A pesquisa está fundamentada teoricamente na proposta dialógica de Bakhtin e o Círculo, dentre outros autores da esfera da comunicação e publicidade. A análise do corpus partiu de uma seleção de caráter qualitativo do tipo pesquisa documental, por meio de mapeamento de imagens em veículos publicitários (redes sociais, sites da área de saúde e bem-estar) de 2019 a 2023. Os resultados apontam a falta de representatividade de pessoas com deficiência física nas imagens verbo-visuais presentes nos veículos midiáticos, o que confirma a hipótese inicial das autoras.

No artigo seguinte, *Letramento literário LGBTI+: revisão bibliográfica*, Heitor Augusto Santos BOTAN e Vera Lúcia Batalha de Siqueira RENDA, da Universidade de Taubaté, objetivam registrar a relevância da leitura literária como possibilidade de impulsionar o diálogo sobre temas relacionados à comunidade LGBTI+ na sala de aula. Os autores consideram que, na área de linguagens, a literatura LGBTI+ pode ser explorada em atividades que desenvolvem conceitos importantes sobre a comunidade LGBTI+ e instigam processos de sensibilização para as questões que envolvem as vivências e diversidades desse grupo.

Também sobre o letramento literário, temos o artigo *O papel da linguagem no letramento literário em Marcelo, Marmelo, Martelo*, cujas autoras Adriana Cintra de CARVALHO PINTO, Lara Oliveira e SILVA e Vera Lúcia Batalha de Siqueira RENDA, da Universidade de Taubaté, discorrem sobre o papel da gramática internalizada e da linguagem verbal na aquisição de práticas de letramento literário nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, utilizando a obra *Marcelo, Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha. A partir de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, são enfatizados os seguintes temas: o papel da literatura infantil na formação dos alunos; o conceito de letramento literário no ambiente escolar; e os princípios básicos da linguística. Os resultados revelam que a literatura escolarizada é voltada basicamente para a decodificação do código escrito; o letramento literário é reconhecido em documentos oficiais de educação, porém, é deixado de lado em prol do ensino-aprendizagem da gramática normativa e de outros gêneros discursivos.

Em *Inclusão de pessoas com deficiência visual (cegueira) no ensino de Língua Inglesa em uma escola pública de Macapá – AP*, Damião Francisco de OLIVEIRA e Gisele Maria Souza BARACHATI, ambos da Universidade de Taubaté, investigam o modo pelo qual está acontecendo a aplicação dos instrumentos normativos: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Nº 9.394/1996); Lei Brasileira de Inclusão (LBI, Nº 13.146/2015) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Lei nº 13.415/2017) no tocante à inclusão de Pessoas com deficiência visual (cegueira) no ensino de Língua Inglesa. Especificamente, os autores discorrem sobre as dificuldades enfrentadas por docentes e discentes no processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, tomando-se como aporte teórico a concepção bakhtiniana de linguagem e a sua importância para o ensino e aprendizagem e línguas.

No artigo seguinte, Jeferson Mundim de SOUZA, da Universidade Federal da Bahia, em *Memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras*, discorre sobre a leitura e a escrita como processo de formação identitária de mulheres idosas negras, com o objetivo de evidenciar seus percursos formativos e invisibilidades pelo fato de serem mulheres, bem como as práticas sociais de letramentos vividas. Especificamente, o autor resgata histórias de mulheres idosas negras, perseguidoras de sonhos, de acessos a processos de aprendizagens, na dimensão de uma sociedade que se apresenta como ideal para todos, sem distinção escolar, etária ou de gênero. Essa perspectiva, entretanto, é contraditória diante das narrativas rememoradas, que descrevem sua subalternização aos inúmeros trabalhos na infância e suas lutas diárias. Os resultados são lutas de reexistência histórica afrodescendente identitária que desejam sentir-se parte de uma comunidade que vive a vida letrada e visibilizada, revelando suas vozes que denunciam e exigem os mesmos lugares e espaços de fala.

Finalmente, mas não menos importante, vamos encontrar o artigo intitulado *A escrita no ensino superior profissional: os critérios de textualidade e os bilhetes de revisão para subsidiar a reescrita*, em que as autoras Mariana Timponi RODRIGUES e Emari Andrade de JESUS, da Universidade de Taubaté, descrevem e analisam quais problemas de textualidades são encontrados em textos escritos por alunos da graduação no ensino profissional. Em seguida, apresentam uma reflexão acerca de possíveis estratégias de ensino de escrita que levem em consideração as dificuldades encontradas por esses alunos. As conclusões apontam a coesão e a coerência como as maiores dificuldades dos estudantes; talvez por não entenderem a natureza do texto acadêmico. Portanto, para além do aprendizado dos critérios de textualidade, é necessário também pensar, nesse contexto de educação profissional à distância, em modos de intervenções que alterem a relação do estudante com o próprio ato de pesquisar e de escrever essa investigação.

Retomamos aqui as palavras de Gloria Anzaldúa, intelectual norte-americana, estudiosa das teorias feminista e queer, para, em seguida, parafraseá-las:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome (Anzaldúa, 1981).

Assim como Gloria Anzaldúa, indagamos: por que somos levados a pesquisar questões sobre linguagem, discurso, decolonialidade, teoria queer? Porque, por intermédio dos estudos, do debate, das críticas, colocamos ordem no mundo, ou pelo menos, procuramos contribuir com a sociedade, desvelando discursos que menosprezam as classes sociais subalternizadas. No ato de pesquisar, nossas descobertas compensam o que o mundo real não quer ou não pode nos dar...

E é na busca contínua pelo bem-viver que o 20º SePLA abre espaços para pesquisadores, professores e alunos divulgarem e multiplicarem seus trabalhos, propiciando discussões e reflexões que, com certeza, irão elucidar inúmeras situações discursivas que insistem em nos calar, nos diminuir, em nos menosprezar...

Aproveitem ao máximo a leitura deste Dossiê!

Agradecemos à equipe organizadora do 20º SePLA e aos membros da Comissão Editorial pela parceria e comprometimento de sempre.

Eliana Vianna Brito Kozma

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria (1981). "Speaking in tongues: a letter to Third World women writers". In: MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria(orgs.). This bridge called my back: writings by radical women of color. New York: Kitchen Table, p. 165-74.